

No curto prazo, gestão é maior preocupação nas grandes obras

Para Abdib, ao longo do tempo, falta de mão de obra qualificada será maior entrave dos projetos

Eva Rodrigues

evarodrigues@brasileconomico.com.br

As obras essenciais, não exatamente as ideais, estarão sim prontas para a Copa do Mundo em 2014 e o Brasil não vai fazer feio diante do mundo, segundo Ralph Lima Terra, vice-presidente executivo da Associação Brasileira da Infraestrutura e Indústrias de Base (Abdib). Para ele, o grande problema de curto prazo nas obras de infraestrutura do país está intimamente relacionado à gestão.

“É preciso haver mais dinâmica nos processos, capacidade de enxergar problemas, se antecipar a eles e, principalmente, encontrar soluções rápidas para problemas que demandam rapidez sob pena de atrapalhar o andamento da obra”, diz Lima Terra. Dentro dessa percepção, a Abdib começou a fazer um acompanhamento de todas as obras em andamento nas 12 cidades-sede da Copa, justamente para ter um retrato real do progresso delas.

O acompanhamento é feito por meio de um site dentro da página da associação (www.abdibcopa2014.org.br), inspirado em experiências coletadas de viagens à Alemanha e África do Sul, que sediaram Mundiais, além de um trabalho feito em Londres para a Olimpíada. “Em Londres, eles sabem exatamente o que deveria ter ficado pronto e não ficou e quais são as consequências disso. Se for identificado que se trata de algo importante, há uma concentração de esforços no sentido de resolver o problema”, diz Lima Terra. Os técnicos da Abdib visitaram Salvador na semana passada e estão se estruturando para visitar quatro cidades por mês para ter um registro de tudo o que está sendo feito no país, explica Terra, que participou ontem do *IV Seminário de Infraestrutura Cidades-Sede da Copa 2014*, promovido pela Câmara Espanhola de Comércio no Brasil, em São Paulo.

Data-limite

A Copa é apenas um elemento motivador de obras que são necessárias ao país, avalia Terra, ao apontar que, de um total projetado em R\$ 116 bilhões de obras de infraestrutura nas 12 cidades-sede no horizonte 2008-2014, somente R\$ 5,6 bilhões referem-se à construção de arenas que são obras específicas para os jogos de futebol. “O que o evento faz é dar um deadline para obras que não vinham caminhando no país.”

Também presente no evento, o secretário extraordinário da Copa da prefeitura de Porto Alegre, João Bosco Vaz, ressaltou a importân-



Lima Terra, vice-presidente da Abdib, explica que associação vai monitorar obras em tempo real

“**É preciso haver mais dinâmica nos processos, capacidade de enxergar problemas, se antecipar a eles e, principalmente, encontrar soluções rápidas para problemas que demandam rapidez**

Ralph Lima Terra

cia de uma visão racional na definição dos projetos prioritários e cita o exemplo da construção de estádios. “Em São Paulo se justificava construir um estádio porque a cidade tem tradição em futebol. Em Brasília, faz pouco sentido gastar R\$ 700 milhões num estádio para 70 mil pessoas.”

Ao observar que levar adiante um projeto de infraestrutura no Brasil é como participar de uma

corrida de obstáculos por conta de dificuldades de aprovação nas licenças ambientais e na captação de recursos, Terra diz que no médio e longo prazo o maior obstáculo será a falta de mão de obra qualificada. “Conforme se distancia dos grandes centros, o problema de mão de obra qualificada só vai piorar nos próximos anos”.

Na tentativa de superar isso, a Abdib, em parceria com a Fun-

dação Roberto Marinho e em acordo com o Ministério do Trabalho, está implementando um programa de treinamento de profissionais especializados nos locais das obras. “Não se trata de capacitação, mas de treinamento. No caso da arena de Manaus, por exemplo, vamos levar pessoal para treinar pedreiros, soldadores, motoristas de empilhadeira, entre outras funções.” ■

LEI DE LICITAÇÃO

Mudança de regras é vista como necessária para agilizar projetos

Em evento promovido ontem pela Câmara Espanhola de Comércio no Brasil, um dos temas recorrentes foi a necessidade de haver alguma flexibilização na lei de licitações para acelerar as obras da Copa. Todos, no entanto, tiveram cuidado com o uso do termo, ao dizer que não se trata de quebrar todas as regras, mas de encontrar formas adequadas de agilizar processos. O presidente

do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba, Cléver Teixeira, citou o exemplo de um contrato feito com o Banco Interamericano de Desenvolvimento, no qual houve a inversão do programa de licitação. “Nessa inversão, primeiro se abrem os envelopes de preços – se a empresa com melhor preço estiver com a documentação adequada já é a vencedora. O processo demora de

45 a 50 dias.” Ralph Lima Terra, da Abdib, concorda que alguma flexibilização terá que ocorrer. “O governo vai ter que flexibilizar na contratação e acompanhamento da obra. Porque se, a cada etapa, tivermos que parar e analisar tudo, o projeto não vai andar. No caso de aeroportos, por exemplo, independentemente de Copa, se não houver soluções rápidas e definitivas, o país para.” **E.R.**